

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Fernando Marinho direção musical
Marta Menezes piano

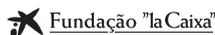
11 fev 2024 · 18:00 Sala Suggia

CONCERTO DE CARNAVAL



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



José Vianna da Motta (orq. Frederico de Freitas)

Chula do Douro (1905; c.2min)

Luís de Freitas Branco

“Fandango”, da *Suite Alentejana n.º1* (1919; c.8min)

Ernesto Halffter

Rapsódia Portuguesa, para piano e orquestra (1938; c.18min)

Camille Saint-Saëns

Uma noite em Lisboa (barcarola) (1880; c.4min)

José Coelho dos Santos (orq. Sérgio Azevedo)

Fenianos (polca) (c.1910; c.2min)

Fernando Lopes-Graça

Três Danças Portuguesas (1941; c.10min)

1. Fandango
2. Dança dos Pauliteiros
3. Malhão

Joly Braga Santos

Sinfonia n.º 4, em Mi menor (4.º andamento) (1950; c.15min)

Lento — Allegro con brio — Epílogo: Hino à Juventude

Concerto sem intervalo.

Natural de S. Tomé, **Vianna da Motta** (1868-1948) cedo revelou o seu talento musical, o que lhe granjeou a protecção do rei D. Fernando II e da condessa d'Edla, e uma vez concluídos os estudos no Conservatório estabeleceu-se em Berlim, em 1882, para aprofundar a sua formação no novo Conservatório Scharwenka. A sua abordagem interpretativa seria marcada ainda pelas aulas com Franz Liszt, em 1885, e sobretudo com Hans von Bülow, em 1887. Vianna da Motta deixou uma produção significativa enquanto compositor, a qual espelha as diferentes fases do seu percurso biográfico e formativo. Com efeito, a música para piano que compôs nos anos da infância e do início da adolescência, num estilo de salão inspirado especialmente em Chopin e Liszt, é bem reveladora da sua precocidade, a vários níveis, mas também das limitações do meio em que vivia. A mudança para Berlim proporcionar-lhe-ia um conhecimento aprofundado da tradição clássico-romântica germânica — em particular dos modelos de Beethoven, Schumann, Brahms e Liszt —, que se reflectiria na sua música para piano, de câmara, concertante e sinfónica. E a partir do início da década de 1890, no quadro da vaga nacionalista que marcou a criação artística portuguesa em finais do século, surgiram diversas obras em que conciliava essa ambição cosmopolita com a intenção de afirmar a identidade portuguesa, por via do recurso tanto a temas históricos, como a material musical oriundo da tradição rural. É nesta linha que se filiam os três ciclos de *Cenas Portuguesas* para piano — opp. 9, 2 e 15 —, tendo a última série sido composta em 1905 e editada em Lisboa pela Casa Sassetti. A *Chula do Douro*, op. 15 n.º 3, contrasta uma melodia de carácter festivo com outra algo mais caprichosa, e em 1947 seria arranjada para orquestra por Frederico de Freitas, que dirigiu a estreia no final desse ano.

A figura de **Luís de Freitas Branco** (1890-1955) ocupa um lugar destacado na história da música portuguesa da primeira metade do século XX. Com efeito, além da influência pedagógica que exerceu, o seu legado como compositor é bastante rico, revelando um interesse por toda uma diversidade de orientações estéticas e linguagens musicais, desde as linhas ultra-romântica, impressionista e expressionista, até a uma abordagem própria ao neoclassicismo. Nascido numa família aristocrática, a sua formação intelectual e cultural sofisticada foi marcada desde cedo pela ascendência do tio João de Freitas Branco (1855-1910), importante dramaturgo, ensaísta e crítico, e os seus estudos musicais, desenvolvidos em Lisboa com Augusto Machado, Tomás Borba, o maestro italiano Luigi Mancinelli e o organista belga Désiré Pâque, seriam depois aprofundados em Berlim e Paris.

No quadro da sua produção sinfónica, merecem ser realçadas as duas suites inspiradas pelo folclore do Alentejo, região com a qual o compositor contactava regularmente, durante os Verões passados na sua herdade em Reguengos de Monsaraz. A *Suite Alentejana n.º 1* foi composta em 1919 e estreada em Lisboa, no Teatro Politeama, a 8 de Fevereiro de 1920, num “Festival Português” realizado pela Orquestra Sinfónica de Lisboa, então dirigida por José Vianna da Motta. O n.º 3, “Finale: Allegro”, que também se popularizou enquanto peça de concerto com o título “**Fandango**”, está concebido numa forma ABA. Após uma breve fanfarra de abertura, a primeira secção apresenta um conjunto de ideias vivas e enérgicas, por diferentes grupos instrumentais, contrastando com a atmosfera reflexiva da secção central, antes do regresso do ambiente festivo do início.

O compositor e director de orquestra **Ernesto Halffter** (1905-1989) foi uma das figuras de maior relevo na música espanhola do século XX. Nascido em Madrid, revelou um talento precoce e foi autodidacta na composição até aos 18 anos, altura em que se tornou discípulo de Manuela de Falla, que desempenharia um papel central no lançamento da sua carreira. Igualmente influentes seriam os estudos realizados em Paris, a partir de 1925, com Maurice Ravel. Em Espanha, integrou o *Grupo dos Oito*, que por sua vez mantinha preocupações em comum com a chamada *Geração de '27*, o grupo de artistas que emergiu entre 1923 e 1927 (ano do seu primeiro encontro formal), partilhando a vontade de explorar novas abordagens vanguardistas. A obra de Halffter é vasta e abarca diferentes géneros, revisitando com frequência estilos renascentistas e barrocos, e recorrendo também ao folclore musical da Península Ibérica. A linguagem tonal que coloca em prática é enriquecida por um uso livre e colorido da dissonância.

Sendo casado, desde 1928, com a pianista portuguesa Alice Câmara Santos, Halffter nutriu um interesse especial pela música tradicional de Portugal, onde chegou a fixar residência entre 1935 e 1954. Disso mesmo é testemunho a sua *Rapsódia Portuguesa* para piano e orquestra, composta em 1938. Dedicada à memória de Ravel, a estreia da obra teria lugar em Lisboa a 20 de Junho de 1940, sendo depois apresentada em Paris em Março do ano seguinte. Na sua concepção, o compositor baseou-se de facto em melodias tradicionais portuguesas, que submeteu à sua elaboração imaginosa em sete secções justapostas, mas numa sucessão fluída e contínua, assinaladas por mudanças de carácter, de tempo, de perfil rítmico-melódico e de instrumentação.

Camille Saint-Saëns (1835-1921) foi um dos mais destacados compositores franceses do seu tempo, gozando igualmente de grande reputação enquanto organista e pianista virtuoso. Desde cedo nutriu um interesse particular pela música orquestral, tendo-se lançado, ainda na juventude, em ambiciosas experiências sinfónicas. As suas três sinfonias maduras seriam compostas em 1853, 1859 e 1886, e foi essencialmente na década de 1870, após algumas tentativas anteriores, que se aventurou no campo da música descritiva, com a composição de quatro poemas sinfónicos: *Le rouet d'Omphale* (1871), *Phaéton* (1873), *Danse macabre* (1874) e *La jeunesse d'Hercule* (1877). Além de música de cena para várias peças teatrais e de algumas suites orquestrais, menos ambiciosas, em todos os sentidos, eram peças como a barcarola para orquestra *Une nuit à Lisbonne*, op. 63. Esta foi terminada a 10 de Novembro de 1880, por altura da sua primeira visita profissional à capital portuguesa (outras se seguiriam em 1906 e 1914), para se apresentar em quatro concertos no Teatro de São Carlos. Foi para essa ocasião que compôs a versão orquestral original, cuja estreia então dirigiu. Dedicada ao rei D. Luís, a obra seria depois apresentada em Paris, no Cirque d'Hiver, a 23 de Janeiro de 1881, ano em que foi publicada pela casa Durand (também numa versão para piano solo). Trata-se de uma breve peça pitoresca, em Mi bemol maior, que se desenrola em torno de uma única ideia temática, de cariz nostálgico, sobre um movimento constante, característico da barcarola, que neste caso alude ao rio que banha a cidade.

Natural de Amarante, o pianista e compositor **José Coelho dos Santos** (1861-1915) fixou-se desde cedo na cidade do Porto, onde esteve activo como professor de piano. Sendo escassos os dados sobre o seu percurso biográfico, pressupõe-se, no entanto, que essa circunstância lhe deu ensejo de tomar contacto com um meio cultural e artístico bastante dinâmico e florescente, no qual novas instituições musicais — tais como o Orfeão Portuense, com as suas relevantes propostas concertísticas, e algumas casas de comércio de partituras e instrumentos — se estabeleciam e desenvolviam uma actividade intensa, sempre em diálogo com as expectativas e as necessidades de um público musical em expansão.

A sua obra como compositor abarca essencialmente a música para o seu instrumento de eleição, além de outras peças para piano e canto (mas por vezes *ad libitum*), sobre textos de poetas contemporâneos como Oliveira Passos, num estilo de acordo com a orientação prevalecente na música de salão do Romantismo europeu. É justamente esse o caso da polca **Fenianos**, composta originalmente para piano e publicada com dedicatória “ao ilustre e patriótico Club Fenianos Portuenses”, uma associação cultural e recreativa fundada no Porto em 1904, que desde então se afirmou como um importante ponto de encontro da sociedade. Com as suas figuras rítmicas características e o seu andamento animado numa métrica a dois tempos, este género de dança proveniente do folclore da Boémia tinha alcançado grande popularidade por toda a Europa desde meados do século XIX, primeiro no âmbito dos salões de baile, assumindo rapidamente um lugar destacado no âmbito da música de salão oitocentista.

Fernando Lopes-Graça (1906-1994) foi uma figura ímpar no panorama musical português do século XX, tendo-se destacado pela sua actividade laboriosa enquanto compositor, pianista, pedagogo, ensaísta, crítico e regente de coros. Em 1917 iniciou a sua formação musical em Tomar, sua terra natal, e a partir de 1923 prosseguiu os estudos no Conservatório Nacional, onde foi discípulo de Tomás Borba, Luís de Freitas Branco e Vianna da Motta. Mais tarde teve a oportunidade de aprofundar conhecimentos em Paris (1937-39), um período que influiu de forma decisiva no seu percurso criativo futuro, nomeadamente devido à forte impressão causada pelo conhecimento de Bartók e da sua obra, que acentuou o interesse de Lopes-Graça pela música tradicional portuguesa. Nas múltiplas facetas da sua actuação, o compositor evidenciou, desde o início da sua carreira, uma grande abertura à modernidade, designadamente a referências tão recentes como Debussy, Stravinski, Schoenberg e o já referido Bartók.

A partir de 1939, a música tradicional tornava-se definitivamente um elemento central da sua individualidade artística, sendo esse material de origem rústica abordado não na linha daquilo que considerava ser um folclorismo banal, desprovido de interesse estético, mas sim numa perspectiva crítica e transgressiva, politicamente inconformada. As **Três Danças Portuguesas**, op. 32, para orquestra, foram compostas em 1941 e estreadas ainda nesse ano em Marselha, pela Orquestra Nacional da Radiodifusão Francesa, sob a direcção de Pedro de Freitas Branco, e é justamente essa postura crítica que se observa na sua exploração, sofisticada a vários níveis, de três conhecidas canções da tradição musical portuguesa: o “Fandango”, a “Dança dos Pauliteiros” e o “Malhão”.

Joly Braga Santos (1924-1988) alcançou um lugar destacado na história da música em Portugal, sobretudo devido ao grande fôlego da sua produção sinfónica. No seu percurso criativo — e em particular ao longo das seis sinfonias, compostas entre 1947 e 1972, entre outra música orquestral —, é possível reconhecer três períodos estilísticos, nos quais levou ao extremo os preceitos absorvidos de Luís de Freitas Branco, figura que lhe ensinou Ciências Musicais e Composição a título particular (em paralelo à frequência do Conservatório), e com quem desenvolveu os elementos essenciais de uma robusta formação de compositor. Assim, após uma primeira fase marcada por uma orientação neoclássica, tendencialmente modalista, embarcou, a partir de finais da década de 50, num processo de renovação estilística que o levaria a integrar elementos desenvolvidos por idiomas mais “vanguardistas”. Observa-se ainda uma última fase na sua produção, marcada por um certo espírito de síntese, com alguns exemplos ainda na década de 70, mas sobretudo na década de 80.

Braga Santos compôs as primeiras quatro sinfonias entre os 22 e os 27 anos, enquadrando-se estas, portanto, no seu primeiro período estilístico. A **Sinfonia n.º 4**, em Mi menor, op. 16, foi composta em 1950 e estreada a 28 de Janeiro de 1951, no Teatro Tivoli, em Lisboa, com o próprio compositor na direcção da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional. O 4.º andamento abre com uma introdução, “Lento”, que apresenta o tema principal no registo grave e conduz a um “Allegro con brio” em forma sonata. A firmeza do primeiro tema contrasta com o cariz folclórico do segundo, e após uma elaborada secção de desenvolvimento e uma reexposição integral há um Epílogo em que emerge uma ampla e expressiva

melodia — o “Hino à Juventude” — que se dirige para um final grandioso.

LUÍS M. SANTOS, 2024*

* O autor não aplica o Acordo Ortográfico de 1990.

Fernando Marinho direção musical

Natural de Amarante, Fernando Marinho é diplomado com os cursos de flauta do Conservatório de Música do Porto, Escola Superior de Música de Lisboa e Academia Nacional Superior de Orquestra. Licenciado em Ensino Básico, estudou pedagogia musical na Paedak e flauta no Bruckner Konservatorium Linz (Áustria), enquanto bolseiro Erasmus.

Como flautista tocou com a Orquestra Gulbenkian, Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra do Algarve, Orquestra do Norte, Remix Ensemble, Orchestre d'Harmonie de Jeunes de l'Union Européenne, entre outras. Trabalhou com reputados maestros, entre os quais Esa-Pekka Salonen, Lawrence Foster, Simone Young, Paavo Jarvi, François Xavier Roth, Lionel Bringuier, Michael Zilm e Peter Rundel. Apresentou-se a solo com orquestra e foi laureado em concursos a nível nacional e internacional. Atuou em Espanha, França, Alemanha, Luxemburgo, Áustria, Inglaterra, Holanda e China.

Estudou Direção com Jan Cober na Hogeschool Zuid — Conservatorium Maastricht (Holanda) e com Jean-Marc Burfin na Escola Superior de Música de Lisboa, onde concluiu o mestrado em Direção de Orquestra. Frequentou masterclasses com Jean-Sebastien Béreau, Douglas Bostock, Roberto Montenegro, José Rafael Pascual Vilaplana, Baldur Brönnimann, Timothy Reynish, Peter Rundel, Eugene M. Corporon e Ernst Schelle.

Foi maestro da Orquestra Sinfónica do Conservatório Nacional e é maestro das Orquestras do Conservatório de Música do Porto. Dirigiu, enquanto maestro convidado, a Orquestra Sinfónica Portuguesa, Orquestra do Norte, Orquestra Filarmonia das Beiras, Orquestra do Algarve, Orquestra Clássica da Madeira,

Orquestra de Câmara de Sintra, Orquestra de Câmara da Guarda Nacional Republicana, Portuguese Brass, Banda Sinfónica Portuguesa, Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, Banda Municipal de A Coruña, Banda de Música de Pontevedra, Artística de Merza, Municipal de Silleda, Orquestra de Câmara Ibérica (Espanha) e Muzikkorps der Bundeswehr (Alemanha).

Desde outubro de 2018, é diretor artístico da Orquestra do Norte.

Marta Menezes piano

Marta Menezes é uma das pianistas portuguesas mais destacadas da sua geração. Os seus recitais exploram o diálogo entre tradição e originalidade, através de propostas que realçam a nuance, a subtilidade e a sensibilidade musical características da sua interpretação. O repertório cuidadosamente escolhido, que evidencia uma afinidade com Beethoven, vai do Barroco à atualidade e integra com frequência obras de compositores menos conhecidos, muitos deles portugueses.

Os seus compromissos para a temporada 2023/24 incluem a sua estreia como solista com a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música, a Sinfonietta de Lisboa e a Orquestra Clássica da Madeira, com as quais interpreta obras de E. Halffter, Mozart e Lopes-Graça.

Apresenta-se regularmente em concertos a solo, em música de câmara e com orquestra. Das suas colaborações recentes destacam-se os concertos com a Orquestra Metropolitana de Lisboa, Orquestra Nacional de Espanha, Orquestra de Valência, Orquestra Filarmónica das Beiras, Orquestra Clássica do Centro, Orquestra Sinfónica de Thomar e Orquestra Sem Fronteiras. Trabalhou com maestros como Pedro Neves, Nuno Coelho, Jaime Martín, Karel Mark Chichon, Pedro Amaral, Jan Wierzbza, Rui Pinheiro e Martim Sousa Tavares. Em recital, tem-se apresentado em auditórios e festivais por todo o mundo: Centro Nacional de Artes Performativas de Pequim, St. Martin-in-the-Fields (Londres), XIII Festival Urodzinowy Fryderyka Chopina (Varsóvia), Festival Internacional de Música de Marvão e Centro Cultural de Belém (Lisboa).

A pianista tem um papel ativo na divulgação da música portuguesa, através da programação regular deste repertório nos seus concertos,

e da encomenda e estreia de obras de compositores contemporâneos. Dos projetos que criou recentemente, destaca-se “5 Encores para Beethoven” (2020), no qual apresentou os cinco Concertos para piano do compositor e fez a estreia absoluta de cinco encores aos Concertos, encomendados a compositores da sua geração. Na passada temporada fez a estreia mundial do Concerto para piano de Tiago Derricha, que lhe é dedicado.

Marta Menezes fez a licenciatura e o mestrado em Piano na Escola Superior de Música de Lisboa com Miguel Henriques, tendo também trabalhado com Jorge Moyano. Terminou o mestrado com classificação máxima. Prosseguiu os estudos em Londres, no Royal College of Music, com Dmitri Alexeev, e mais tarde nos Estados Unidos da América, com Arnaldo Cohen. É doutorada pela Universidade de Indiana — Jacobs School of Music, tendo dedicado a sua pesquisa às “Obras para Piano e Orquestra de Compositores Portugueses”.

Ao longo do seu percurso ganhou vários prémios e distinções, dos quais se destacam o 1.º lugar no Concurso Beethoven do Royal College of Music e no Concurso Internacional de Piano de Nice Côte D’Azur, a Medalha de Prata de Valor e Distinção pelo seu percurso enquanto pianista, atribuída pelo Instituto Politécnico de Lisboa, e a Medalha de Prata nos Global Music Awards (EUA) pelo seu CD com obras de Beethoven e Lopes-Graça, nas categorias de “Piano Clássico” e “Artista Emergente”.

Marta Menezes reside em Madrid.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, entre os quais Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

As residências artísticas da Casa da Música promovem colaborações com compositores de renome, como Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury, Rebecca Saunders, Enno Poppe e, já em 2024, Vasco Mendonça. A forte marca portuguesa nesta temporada assinala-se com duas estreias mundiais de Vasco Mendonça, e uma outra de Daniel Moreira especialmente destinada a celebrar os 50 anos do 25 de Abril, sobre poemas de Sophia de Mello Breyner; ou a colaboração com o solista João Barradas na interpretação do *Concerto para acordeão* de Luís Tinoco; ou a nova *Sinfonia Subjetiva* de António Pinho Vargas. A Orquestra evoca ainda a melhor música nacional de várias épocas, entre elas a *História Trágico-Marítima* de Fernando Lopes-Graça, sobre poemas de Miguel Torga, e vários títulos de Emmanuel Nunes.

As temporadas recentes foram marcadas por ciclos de integrais de Mahler, Prokofieff, Brahms, Bruckner, Beethoven, Rachmaninoff e Mozart. Em 2024 apresenta a integral dos concertos para piano de Prokofieff, convidando cinco solistas portugueses: Raúl da Costa, Artur Pizarro, Rafael Kyrychenko, João Xavier e Pedro Emanuel Pereira. São retomadas obras inesquecíveis como o *Requiem Alemão* de Brahms (com as vozes de Sara Braga Simões e André Baleiro), *Um sobrevivente em Varsóvia* de Schoenberg, *a Sagração da Primavera* de Stravinski e a *Terceira Sinfonia* de Mahler (com Natalya Boeva).

A Orquestra tem pisado os mais prestigiados palcos de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 apresentou-se na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2024 toca ao lado do Arditti Quartett no âmbito dos concertos Rasonanz, apresentados pelo ciclo Musica Viva da Rádio da Baviera.

A discografia recente da Orquestra inclui álbuns monográficos de Lopes-Graça (Naxos), Luca Francesconi, Unsuk Chin, Georges Aperghis, Harrison Birtwistle, Peter Eötvös e Magnus Lindberg, além de inúmeros compositores portugueses, e conquistou duas distinções internacionais com o título *Follow the Songlines* e com um disco de obras de Pascal Dusapin.

A origem da Orquestra remonta à criação da Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, em 1947, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989), entretanto convertida na Orquestra Clássica do Porto (1992) e na Orquestra Nacional do Porto (1997). Já com a formação sinfónica e um quadro de 94 instrumentistas, foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, assumindo a atual designação em 2010.

Violino I

James Dahlgren
Álvaro Pereira
Tünde Hadadi
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
Alan Guimarães
Emília Vanguelova
Vadim Feldblioum
Ianina Khmelik
Andras Burai
Joana Machado*
Mariana Cabral*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Lilit Davtyan
Catarina Martins
Domingos Lopes
Karolina Andrzejczak
Paul Almond
Mariana Costa
Nikola Vasiljev

Viola

Pedro Meireles
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Catarina Gonçalves*
Teresa Macedo Ferreira*
Maria Almeida*

Violoncelo

Feodor Kolpachnikov
Michal Kiska
Sharon Kinder
Hrant Yeranosyan
Bruno Cardoso
Ana Sofia Leão*

Contrabaixo

Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Slawomir Marzec

Flauta

Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Gergely Suto

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Cândida Nunes

Trompa

José Bernardo Silva
Hugo Sousa
Eddy Tauber
Hugo Carneiro

Trompete

Ivan Crespo
Luís Granjo
Rui Brito
Leandro Rocha*

Trombone

Severo Martinez
Dawid Seidenberg
Diogo Taveira Silva*

Tuba

Sérgio Carolino

Percussão

Henrique Ramos*
Ryoko Imai*

*instrumentistas convidados

Operação Técnica

Iluminação

Bruno Mendes

Palco

Alfredo Braga
Amaro Castro
José Vilela

Agradecimentos pela cedência de trajas

Banda Musical de Fornos (Castelo de Paiva)
Câmara Municipal de Viana do Castelo
Câmara e Museu Municipal da Póvoa de Varzim
Grupo Etnográfico Danças e Cantares da Nazaré
Grupo Etnográfico Rusga de Joane (V. N. Famalicão)
GRUTACA — Grupo de Teatro Camiliano (Seide, V. N. Famalicão)

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

